

APRESENTAÇÃO: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRÁTICAS SOCIAIS – LINGUAGEM, CULTURA E SOCIEDADE

Elisa Battisti (UFRGS)

elisa.battisti@ufrgs.br

<https://orcid.org/0000-0002-6701-4218>

Livia Oushiro (UNICAMP)

oushiro@unicamp.br

<https://orcid.org/0000-0002-2165-3305>

Que efeitos exercem certas restrições sociais e culturais em padrões de variação e mudança linguística? Que papel tem a variação linguística na organização social e constituição de culturas locais? Os artigos reunidos neste volume, o número 73 da revista *Organon*, sobre variação linguística e práticas sociais, buscam respostas a essas questões. Os diferentes trabalhos, voltados à produção, avaliação, processamento da fala real ou ensino de língua, em comunidades mono ou multilíngues, enfrentam o desafio teórico-metodológico de explorar as interfaces da sociolinguística com antropologia, sociologia, psicologia social, história, para discutir e interpretar os resultados das análises realizadas, geralmente estatísticas, ou para estabelecer o próprio desenho da análise. Pode-se perguntar: o que haveria de novo em uma tal reunião de trabalhos? Estudos sociolinguísticos, por sua natureza, não explorariam necessariamente essas interfaces?

Um olhar ao quadro maior de estudos sobre variação linguística, especialmente aqueles realizados no Brasil a partir dos anos 1980, revela o predomínio de análises quantitativas labovianas (LABOV, 1972), cujo objetivo primeiro é identificar correlações entre variáveis linguísticas de interesse – fonético-fonológicas, morfológicas, morfossintáticas e até mesmo lexicais – e grupos de fatores sociais e linguísticos. Essas correlações, de um lado, atestam o ordenamento das realizações variáveis (i.e., tendências maiores ou menores de uso das variáveis em certos contextos linguísticos e sociais); de outro, comprovam se o uso das variáveis progride nas comunidades de fala, nas sucessivas gerações (i.e., se a variável investigada é variação na

mudança em progresso ou variação estável), o que indica mudança linguística. Tais análises utilizam-se de dados de produção da fala, obtidos em entrevistas sociolinguísticas armazenadas em *corpora* como o PEUL (UFRJ), VALPB (UFPA), VARSUL (UFRGS, UFSC, UFPR, PUCRS), Iboruna (UNESP), SP2010 (USP) e LínguaPOA (UFRGS), entre muitos outros, e vêm contribuindo para esclarecer a pluralidade de padrões de fala de português brasileiro. Além disso, consolidam uma linha de investigação voltada, conforme Figuerola (1994), à variação linguística na estrutura, peculiar ao que Coupland (2007) caracteriza como uma sociolinguística autônoma.

Se, de um lado, essa autonomia produz inegáveis impactos positivos na investigação da variação e mudança linguística, de outro, deixa descobertos aspectos relevantes à variação, especialmente os que dizem respeito às associações entre variantes de certas variáveis e elementos socioculturais, estabelecidas pelos usuários na comunicação linguística. Tais lacunas nos estudos de variação linguística vêm sendo debatidas pelos sociolinguistas desde os primeiros anos do século XXI, em capítulos de obras como as de Eckert e Rickford (2001), Fought (2004), Coupland (2016). No conjunto, esses trabalhos questionam a autonomia da sociolinguística variacionista, sem, no entanto, desmerecer as análises labovianas de produção. Chamam atenção, portanto, para a necessidade de, além das análises de produção, realizar estudos sobre variação linguística e identidade, estilo, percepção e avaliação linguística, alinhados a estudos de atitudes linguísticas, de ideologias linguísticas, análises pragmáticas, discursivas, sociointeracionais. Esses estudos implicam, assim, estabelecer interface com outras disciplinas, em um percurso sociolinguístico variacionista menos autônomo, mas com largura bastante para buscar subsídios teórico-metodológicos que possibilitem reconhecer e analisar os significados sociais das variáveis.

Os artigos publicados neste número da *Organon* assumem o pressuposto de que a variação, mecanismo da mudança linguística correlacionado a fatores internos e externos à língua, é prática social com que se constroem identidades, manifestas em estilos de persona associados aos significados sociais das variantes. Esse pressuposto, identificado com Eckert (2000; 2004; 2008; 2018), orienta análises que ampliam o escopo de categorias sociais analisadas para além de, por exemplo, o sexo ou o grau de escolarização do falante, ao observar aspectos como mobilidade, identidades de gênero, graus de exclusão/inserção social e papéis profissionais, e deslocam o olhar do pesquisador da produção para a percepção e avaliação da fala, ao reconhecer o caráter semiótico das variáveis linguísticas quando empregadas na

interação social, na evocação de significados sociais atrelados a identidades de persona e estilos de expressão linguística.

Os dois primeiros artigos tratam de processos de variação e mudança de variáveis morfossintáticas em cenários de mobilidade geográfica e mudanças na estrutura urbana. Nesse sentido, Siqueira e Freitag, em “Can mobility affect grammar at the morphosyntactic level? A study in Brazilian Portuguese”, analisam o emprego variável de artigo definido antes de SN com possessivos (*o seu irmão* vs. *Ø seu irmão*) em uma amostra constituída por 60 estudantes da Universidade Federal de Sergipe, que se diferenciam quanto ao grau de mobilidade (advindos de Sergipe, de Alagoas ou da Bahia), tempo no curso e seu sexo. Ao dialogar com a literatura sobre contato dialetal (p. ex., TRUDGILL, 1986; OUSHIRO, 2020) e mobilidade (p. ex., BRITAIN, 2008), observam que a diferenciação no uso do artigo definido se correlaciona com a origem geográfica, mas não é sensível à integração no curso e na comunidade universitária da UFS, diferentemente de estudos prévios sobre a mesma amostra (p. ex., CORRÊA, 2019, sobre palatalização de /t, d/ antes de [i]; RIBEIRO, 2019, sobre a alternância entre as preposições “em” e “ni”), o que levanta questões sobre o efeito da mobilidade sobre certos tipos de variáveis.

Pinto e Berlinck, em seu artigo “O que que nós vamo falá?”: significados sociais na variação/mudança da expressão de 1ª pessoa de plural em duas comunidades rurbanas mineiras” sobre os significados sociais de pronomes de primeira pessoa do plural (*nós, nós, nói, a gente*) em amostra composta por 24 residentes de duas comunidades rurbanas do interior mineiro (Cabo Verde e Muzambinho), constataam diferenças em relação a tendências verificadas em grandes centros urbanos, uma vez que *a gente* não se apresenta como a variante mais frequente, seja na comunidade, seja na fala dos mais jovens. A interpretação para os resultados da análise de produção linguística se alia à análise das respostas a um questionário de avaliações, que revela nuances de significados quanto à ruralidade, urbanidade e prestígio das formas linguísticas, observadas em seu detalhe fonético, para além de uma análise binária, atentando-se a diferenças de significados sociais dentro das próprias comunidades.

Igualmente no âmbito da alternância pronominal, mas com foco na percepção, o terceiro artigo, “Esse uso está adequado?”: a percepção dos cariocas sobre as formas *tu* e *você*”, de Carvalho e Lopes, investiga as variantes *você* e *tu* entre cariocas, em testes de julgamento de adequação sociolinguística, por meio de metodologia experimental, em que controlaram a simetria/assimetria entre interlocutores nos estímulos e a presença ou ausência de verbo na sentença (quando presente, o verbo estava sem concordância: *tu pode*). Os resultados do

experimento aplicado a 40 participantes mostram diferenças nos julgamentos de naturalidade e adequação entre pronomes de segunda pessoa, já que a boa avaliação de *tu* depende de relações simétricas entre os falantes, o que revela a atenção dos membros da comunidade aos papéis sociais dos interlocutores em interações específicas; por outro lado, os julgamentos sobre *tu* não se correlacionam com a ausência ou presença de verbo, o que indica que as avaliações se devem de fato ao pronome e não à ausência de concordância.

Estudos de percepção por meio de metodologia experimental, com efeito, permitem a testagem de hipóteses bem delineadas sobre os significados sociais de variantes linguísticas e o efetivo conhecimento linguístico dos falantes, membros de comunidades específicas. Outros dois artigos deste número 73 da *Organon* se baseiam em experimentos de percepções com vistas a apreender tais significados. O artigo “Entre sibilos e chiados do /S/ em coda silábica: um estudo sociofonético de percepção dialetal na Bahia”, de Rocha e Pacheco, em análise das percepções dialetais de 427 participantes de Vitória da Conquista-BA e Salvador-BA sobre o /s/ em coda (p. ex. *lesmas*) em produções de seis locutores (dois conquistenses, dois soteropolitanos, um carioca e um gaúcho), demonstra que os ouvintes se baseiam na realização palatalizada ou não palatalizada de /s/ na discriminação de dialetos (tarefa em que deveriam selecionar o áudio correspondente à fala de um conterrâneo) e na identificação de dialetos (tarefa em que deveriam selecionar a cidade de origem do falante). Descrever detalhadamente as pistas acústicas em que as pessoas se baseiam para fazer inferências sobre a origem dialetal de falantes é tarefa ainda pouco explorada na sociolinguística, que merece tratamento sistemático e científico em estudos futuros, para além das próprias impressões de linguistas.

Melo, de modo semelhante, analisa, no artigo “Padrões de avaliação de duas variáveis sonoras na comunidade de fala do Rio de Janeiro: uniformidade ou diferentes tendências?”, as percepções sobre /s/ e /r/ em posição de coda silábica; para a primeira, no entanto, contrasta as realizações alveolopalatais [ʃ/ʒ] e velar/glotal [x/ɣ, h/ɦ], e para a segunda, sua realização fricativa ou sua ausência (ce[ɣ/ɦ]veja vs. ce[ø]veja). Nesse estudo, o enfoque recai sobre as percepções acerca do prestígio das variantes por parte de quatro grupos sociais, definidos pelo seu grau de exclusão/inserção na comunidade carioca. Ao constatar um padrão binário de julgamentos sobre as realizações de /s/, que distingue excluídos de não excluídos socialmente, e um padrão gradual de julgamentos sobre as realizações de /r/, que vai desde a não diferenciação de prestígio das variantes por parte do grupo mais excluído até uma marcada distinção por parte do grupo de maior inserção social, o autor defende uma interpretação com base no conceito de língua como sistema adaptativo complexo (BECKNER *et al.*, 2009), pelo

qual o conhecimento linguístico não é uniforme, mas depende das interações específicas dos indivíduos, posição que se coaduna com a observação da variação linguística enquanto prática social.

Os significados sociais da variação linguística também estão no centro da discussão desenvolvida por Amaral no artigo “Práticas linguísticas, significados sociais e expressão de identidades: o caso de (-ste)”, em sua análise sobre o uso de (-STE) (desde usos canônicos, como em *tu removeste*, até usos inovadores, como *pela amor de deustes*) em uma comunidade de práticas virtual, a Tal Qual Dublagens (com perfis no YouTube, Facebook e Instagram), em que identidades regionais, sociais e individuais – de agrupamento geográfico, de gênero, de filiação à comunidade – são indexicalizadas pelo uso da forma. Sua análise qualitativa das respostas a um questionário preenchido por 21 participantes, em diálogo com conceitos da sociolinguística variacionista, antropologia linguística e sociologia, evidencia os ganhos de um olhar multidisciplinar no exame dos usos linguísticos enquanto expressão de significados e identidades – sempre múltiplos e dinâmicos.

Pecuch e Silva, por sua vez, também tratam de uma comunidade de práticas virtual no artigo “A língua é nós: um estudo de crenças e atitudes linguísticas em contexto de ensino”. Analisam o canal do YouTube de Audino Vilão na perspectiva das crenças e atitudes sobre seus usos linguísticos. Ao se utilizar, em suas aulas de filosofia, da variedade linguística própria da juventude moradora da periferia de centros urbanos, o *youtuber* suscita diversos comentários da audiência que, segundo a análise, são na grande maioria positivos – e, em grande parte, reveladores de “quebra de preconceitos” no que concerne às expectativas sociais sobre o papel de professor –, o que dialoga com discussões recentes sobre normas linguísticas e a variação no contexto pedagógico.

Os quatro últimos artigos apresentam análises sobre comunidades de falantes em situação de contato linguístico. Em “Integração a contextos de L2 dominantes e adaptabilidade fonológica de L1: uma análise da produção das plosivas surdas do português brasileiro”, Kupske e Lima Jr. tratam da produção de VOT (*Voice Onset Time*) na fala de 44 brasileiros, 24 dos quais imigrantes no Reino Unido, em contato com a língua inglesa, caracteristicamente de VOT longo. Seus resultados da análise bayesiana de regressão linear mostram correlação entre maiores valores de VOT em função da frequência de uso da L2 e da integração ao país hospedeiro, o que ressalta a importância das práticas sociais na gramática fonológica dos falantes. De modo semelhante a Melo, os autores argumentam em favor de uma perspectiva

linguística dinâmica, que prevê permeabilidade das produções linguísticas ao contexto social e mudança linguística ao longo da vida dos indivíduos.

No contexto brasileiro, Curioletti e Battisti, no artigo “A realização variável de /r/ em *onset* silábico no português brasileiro de contato com o talian: diferenciação linguística e construção de identidade em uma comunidade do oeste catarinense”, também se atentam a especificidades fonéticas do português de contato – neste caso, na fala de 24 falantes de Planalto-SC, em contato com o talian. Sua análise revela os contextos de alternância das realizações de /r/ em posição de *onset* (p. ex., ([r]ápido, [h]ápido, [r]ápido) em investigação que inclui observação etnográfica e exame das produções e das percepções dos participantes sobre as variantes. A conjugação dessas abordagens permite depreender não só os fatores sociais que se correlacionam com a variação fonética, como o favorecimento de tepe pelos homens e da vibrante pelos mais velhos, mas também os significados e categorias locais atrelados às formas, como prestígio, ruralidade-urbanidade e “colono forte”.

Rosinski e Gonçalves, no artigo “Análise acústica de /l/ pré e pós-vocálico do português brasileiro: descrição com base na influência do polonês como língua de imigração”, também realizam análise sociofonética detalhada da produção de /l/ pré e pós-vocálico (p. ex., *ladeira* e *papel*) de seis participantes bilíngues de Barra do Arroio Grande (município de Dom Feliciano-RS), comunidade com forte influência do polonês como língua de imigração, em que /l/ é produzido de modo mais anteriorizado. As produções de /l/ desses falantes diferenciam-se daquela predominante no português brasileiro e se aproximam (embora não coincidam com) daquela do polonês, fato atribuído pelas autoras às práticas sociais dos membros da comunidade, como as orações, versos e cantigas recitados, conversas no âmbito familiar.

Com foco no léxico, o artigo “Influência da fase etária no uso do léxico em pomerano”, de Mackedanz e Spinassé, analisa o uso da língua de imigração – o pomerano – em contato com português em Arroio do Padre-RS, contrastando as produções de três participantes em diferentes fases etárias em relação a valores socioculturais e linguísticos. Sua análise dá indícios de mudança comunitária que se concretiza pela crescente presença do português em diferentes domínios, uma vez que as autoras constataam maior uso de itens lexicais semelhantes à variedade germânica *standard* na fala do participante mais velho e maior percentual de *code-switching* na fala das participantes mais jovens.

Este número 73 da *Organon* se encerra com dois trabalhos. Na Seção Livre, Samuel Gomes de Oliveira, Livia Majolo Rockenbach e Athany Gutierrez brindam os leitores brasileiros e a lusofonia, de modo amplo, com sua tradução à língua portuguesa do célebre

artigo de Penelope Eckert, “Three Waves of Variation Study: the Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation” [“As três ondas do estudo da variação: a emergência do significado no estudo da variação linguística”], publicado originalmente há 10 anos no *Annual Review of Anthropology*. Trata-se de leitura obrigatória para estudiosos da variação linguística: a reflexão de Eckert sobre o desenvolvimento do campo da sociolinguística variacionista, em que entrevê a emergência de três “ondas” de práticas analíticas – uma primeira, que estabeleceu a análise de correlações entre macrocategorias censitárias e variáveis sociolinguísticas; uma segunda, que se voltou a métodos etnográficos e a categorias relevantes localmente; e uma terceira, que conceitualiza a variação linguística como sistema semiótico que expressa (não apenas reflete) múltiplos significados sociais –, tornou-se rapidamente um marco teórico e o texto-base de estudos que se filiam à chamada “terceira onda da sociolinguística”. Sua publicação em português certamente torna o texto mais acessível a estudantes e pesquisadores, assim como enseja o amadurecimento de discussões e pesquisas sociolinguísticas entre nós.

Por fim, Catani e Oushiro resenham a coletânea *Meaning and Linguistic Variation: Theorizing the Third Wave*, editada por Lauren Hall-Lew, Emma Moore e Robert J. Podesva e publicada em 2021 pela Cambridge University Press. Em seus 17 capítulos, divididos em três seções, os autores da coletânea apresentam a diversidade de questões e tópicos que vêm sendo abordados sob a rubrica da “terceira onda”, ao mesmo tempo em que se preocupam em promover avanços na teoria sociolinguística. Consideramos oportuna a divulgação dessa obra ao público brasileiro, no encerramento deste número 73 da *Organon* sobre Variação Linguística e Práticas Sociais, como modo de apontar para as questões teórico-metodológicas mais prementes na atual agenda da sociolinguística e para novos caminhos a ser trilhados em estudos futuros.

Desse modo, os trabalhos reunidos neste volume, em sua orientação para a variação linguística enquanto prática social, apresentam análises qualitativas e quantitativas sobre a produção, a percepção e a avaliação linguística em contextos mono e multilíngues; atentam-se ao detalhe fonético e à estrutura gramatical como produções dinâmicas imbuídas de múltiplos significados sociais e aos falantes como membros de comunidades reais e como agentes da emergência desses significados; e promovem avanços na compreensão dos processos linguísticos, culturais e cognitivos que são motores da variação e da mudança linguística. Ao agradecer as dezenas de autores e pareceristas que contribuíram para a confecção deste volume, felicitamos a todas e todos pelas ricas discussões e pelo amadurecimento das reflexões sociolinguísticas em nosso campo.

REFERÊNCIAS

- BECKNER, C.; BLYTHE, R.; BYBEE, J.; CHRISTIANSEN, M. H.; CROFT, W.; ELLIS, N. C.; HOLLAND, J.; KE, J.; LARSEN-FREEMAN, D.; SCHOENEMANN, T. Language Is a Complex Adaptive System: Position Paper. *Language Learning*, Medford, v. 59, s. 1, p. 1-26, 2009.
- BRITAIN, D. Space, Diffusion and Mobility. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.). *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell publishing, 2008. p. 604–637.
- CORRÊA, T. R. A. *A variação na realização de /t/ e /d/ na comunidade de práticas da UFS: mobilidade e integração*. 2019. 122 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2019.
- COUPLAND, N. *Style: Language Variation and Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- COUPLAND, N. (Ed.) *Sociolinguistics: Theoretical Debates*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- ECKERT, P. *Linguistic Variation as Social Practice*. Malden/Oxford: Blackwell, 2000.
- ECKERT, P. The Meaning of Style. *Texas Linguistics Forum*, Austin, n. 47, p.1-10, 2004. SALSA XI Proceedings.
- ECKERT, P. Variation and the Indexical Field. *Journal of Sociolinguistics*, Hoboken, v. 12, n. 4, p. 453–476, 2008.
- ECKERT, P. Three Waves of Variation Study: the Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation. *Annual Review of Anthropology*, Stanford, v. 41, p. 87–100, 2012. <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-092611-145828>
- ECKERT, P. *Meaning and Linguistic Variation: the Third Wave in Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- ECKERT, P.; RICKFORD, J.R. (Eds.) *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- FIGUEROA, E. *Sociolinguistic Metatheory*. Oxford: Elsevier Science, 1994.
- FOUGHT, C. (Ed.) *Sociolinguistic Variation: Critical Reflections*. New York: Oxford University Press, 2004.
- HALL-LEW, L.; MOORE, E.; PODESVA, R. J. *Social Meaning and Sociolinguistic Variation*. Theorizing the Third Wave. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Pennsylvania: University of Philadelphia Press, 1972.

OUSHIRO, L. Contrasting Age of Arrival and Length of Residence in Dialect Contact. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, Philadelphia, v. 25, n. 2, p. 79–88, 2020.

RIBEIRO, C. C. S. *Deslocamento geográfico e padrões de uso linguístico: a variação entre as preposições em ~ ni na comunidade de práticas da Universidade Federal de Sergipe*. 2019. 84 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2019.

TRUDGILL, P. *Dialects in Contact*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.125202>